




**A CIRCULARIDADE DOS MANUSCRITOS ILUMINADOS
NOBILIÁRQUICOS: O EXEMPLO DO *SALTÉRIO DE
LUTTRELL* (C. 1330-1345)**

**THE CIRCULARITY OF NOBILITY'S ILLUMINATED
MANUSCRIPTS: THE CASE OF THE *LUTTRELL PSALTER*
(C. 1330-1345)**


Jaime Estevão dos Reis*

Universidade Estadual de Maringá – UEM

 <https://orcid.org/0000-0001-8170-7478>
jereis@uem.br

Giovanni Bruno Alves**

Universidade Estadual de Maringá – UEM

 <https://orcid.org/0000-0002-9822-6344>
pg55287@uem.br

RESUMO: O objetivo do presente artigo é estudar o fenômeno da circulação de manuscritos iluminados entre a nobreza durante o século XIV, aplicado a um manuscrito iluminado em específico: o *Saltério de Luttrell* (c. 1330-1345), um Saltério feito sob a comitência de um cavaleiro inglês, Sir Geoffrey Luttrell (1276-1345), com considerável influência sobre seu conteúdo imagético. Como constatamos, esse conteúdo foi reutilizado e ressignificado posteriormente por diversos membros da nobreza inglesa, algo que nem mesmo sua forte personalização impediu.

PALAVRAS-CHAVE: Sir Geoffrey Luttrell; iluminuras; nobreza inglesa; imagem medieval.

ABSTRACT: The main goal of this paper is to discuss the circulation of illuminated manuscripts in the 14th century nobility applied to a specific manuscript: the Luttrell Psalter (c. 1330-1345), a Psalter made under the direct commission of Sir Geoffrey Luttrell (1276-1345), an English knight with considerable influence on the manuscript's imagery. As we concluded, the psalter's images were reused and re-signified later by various nobles, something that could not be stopped by its marked personalization.

KEYWORDS: Sir Geoffrey Luttrell; illuminations; english nobility; medieval images.

* Doutorado em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2007). Atualmente é professor Associado da Universidade Estadual de Maringá. Trabalha no Departamento de História na área de História Medieval. É membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em História (PPH-UEM).

** Doutorando em História, Cultura e Narrativas pelo programa de pós graduação em História (PPH) da Universidade Estadual de Maringá (UEM).

INTRODUÇÃO

Ao longo dos séculos XIII e XIV, observa-se uma crescente inclinação da nobreza em patrocinar uma cultura visual que, antes, era quase exclusivamente de interesse dos religiosos, especialmente dos monges, e da realeza. Trata-se de retábulos, mosaicos, iluminuras, entre outras manifestações da cultura medieval, a qual, hoje em dia, tem despertado o interesse dos historiadores.

Dentre as manifestações da imagética medieval, destacamos os manuscritos iluminados, diretamente ligados à nobreza no período da Baixa Idade Média (BACKHOUSE, 1999, p. 7). Os manuscritos, livros escritos à mão, têm a origem de seu formato em códice durante a Antiguidade Tardia (os indícios mais antigos datam do século I d.C.), popularizando-se no período medieval. A sua iluminação, termo derivado da sensação de luminosidade transmitida pelo uso de metais preciosos e cores vivas em suas imagens, é característica do Medievo, ainda que seus primeiros exemplos datem também da Antiguidade Tardia (BENTON, 2009, p. 02).

Até o século XII, os manuscritos iluminados eram feitos quase unicamente em monastérios por monges e eram, em sua maioria, de teor religioso, como no caso dos *Evangelários*¹. Essa situação se alterou com a ascensão da importância das cidades no Ocidente medieval, tanto no que tange à economia quanto à cultura. Como parte disso, temos, por exemplo, o desenvolvimento das universidades durante o século XIII e, com elas, o aumento da demanda por livros. Para suprir essa demanda, oficinas urbanas se popularizaram, atendendo não somente as universidades, mas também nobres e até mesmo os monastérios, que diminuíram sua produção de livros. Assim, as tipologias tornavam-se cada vez mais variadas, bem como o seu conteúdo imagético.

Na Inglaterra, essa cultura visual foi particularmente representada em um dos mais célebres manuscritos, o *Saltério de Luttrell*, patrocinado por um membro da alta nobreza, Sir Geoffrey Luttrell (1276-1345). Nesse artigo, é nosso objetivo discorrer acerca da relação entre a nobreza inglesa e os manuscritos iluminados por intermédio da análise do *Saltério de Luttrell* (British Library, Add. MS. 42130).

Para isso, iniciamos com uma consideração a respeito das questões que envolvem a materialidade e a circularidade dos manuscritos iluminados, em especial em relação aos séculos XIII e XIV. Questionamos os principais motivos que despertaram o

¹ Manuscritos que continham os quatro evangelhos da Bíblia, podendo apresentar também conteúdos adicionais (BROWN, 2018, p. 47).

interesse da nobreza (em especial, a inglesa) pela produção dos manuscritos, a partir do exemplo dos saltérios.

Encaminhamo-nos, dessa forma, para o estudo do *Saltério de Luttrell*, tendo como base as questões referentes à sua materialidade e a implicação nas significações que são a ele atribuídas. Abordando a história da produção do manuscrito ao lado da história de vida de Sir Geoffrey Luttrell, seguiremos, então, para além dela, para questionar as formas como o manuscrito foi incluído em outros contextos, posteriores ao de sua elaboração, especialmente a partir do conceito de economia circular dos manuscritos iluminados, elaborado por Kathryn Rudy (RUDY, 2016, p. 337).

A MATERIALIDADE DOS MANUSCRITOS ILUMINADOS

O manuscrito iluminado é, em princípio, um objeto. Carrega, em seu interior, signos que formam imagens e textos, ou seja, discursos. Não é possível deixar de notar a sua materialidade: ele pode ser pequeno e móvel, ou tão grande que se torna incapaz de ser carregado por uma só pessoa; pode possuir uma capa austera ou luxuosa, cravejada de pedras preciosas. Sua materialidade é dotada de significado, assim como o seu conteúdo. Como um objeto, ele é utilizado: ele é significado, de acordo com seus aspectos materiais e com os usos a eles atribuídos. Por vezes, não é necessário nem mesmo abri-lo e folheá-lo (DE HAMEL, 2008, p. 3). Em outras, suas imagens assumem um papel central, mas sem que estejam lá somente para serem vistas: elas são utilizadas; são ativas, exercendo sua função; são, conforme Jérôme Baschet (2008) as denomina, *imagem-objeto* (BASCHET, 2008, p. 33-34).

Sarah Noonan (2010) segue a mesma direção de Jérôme Baschet em sua análise sobre o papel social dos manuscritos iluminados na Baixa Idade Média. A autora considera-os *objetos culturais*, a fim de enfatizar o papel que ela atribui à materialidade do objeto (e seus usos) como sendo ordenada pela sociedade que o emprega. Contudo, não se trata de uma relação de mão única: o livro atua e molda, também, os sujeitos sociais que o utilizam (NOONAN, 2010, p. 19).

Através do contexto resultante das profundas alterações características dos séculos XII e XIII², o papel social do livro e, conseqüentemente, suas utilizações também

² Jacques Le Goff (1992) destaca nesse ponto a inseparável relação da nova dinâmica econômica que caracteriza a ascensão das cidades no século XII com seu avivamento cultural. O autor destaca Paris, no reino francês, e Oxford, na Inglaterra, como exemplos de criação de universidades e crescimento da atividade cultural com elas (LE GOFF, 1992, p. 192).

são afetadas. A relação cada vez mais íntima de um grupo social, a nobreza, com a produção e utilização de manuscritos iluminados implica uma transformação na própria significação desses objetos.

Ao abordar esses manuscritos em termos de *imagem-objeto*, a partir de Jérôme Baschet (BASCHET, 2008, p. 34), torna-se imprescindível questionar as novas aproximações a respeito da materialidade de tais objetos a partir do século XIII e, fundamentalmente, sua relação com o grupo social que os coloca em ação: a nobreza.

Como decorrência de um novo momento intelectual e econômico, o cenário se vê alterado na Inglaterra, especialmente a partir da segunda metade do século XIII. A região oriental do reino presencia, nesse momento, um pronunciado aumento na produção de manuscritos iluminados, protagonizado, agora, pela nobreza. No entanto, não se trata da realeza ou da alta nobreza do reino, personificada na figura dos Condes³, mas sim de uma nobreza intermediária e agrária, formada por cavaleiros e, por vezes, barões (BACKHOUSE, 1999, p. 48).

Artistas viajantes ou que trabalham em oficinas de cidades como Lincoln e Norwich possibilitaram o meio necessário para que a nobreza passasse a atuar diretamente no mercado de manuscritos iluminados, o que, em consequência, fomentou ainda mais a produção local (BACKHOUSE, 1999, p. 48).

Na tentativa de caracterizar esse momento, homogeneizando as características estilísticas devido à proximidade e ao contato dos artistas e às intencionalidades dos patronos, por muito tempo os historiadores da arte utilizaram a expressão “Iluminação da Anglia Oriental”⁴ (WATSON, 1974, p. 14). Entretanto, conforme defende Bruce Watson (1974), essa classificação deve ser empregada com cuidado. Não é possível, segundo o autor, observar homogeneidade de estilos e de características visuais em toda a produção do momento na região em questão, exatamente por conta da natureza móvel do trabalho dos iluminadores. Fica, portanto, reservado o emprego da expressão somente para a caracterização do interesse de um grupo social em específico, a nobreza, no fomento da confecção de manuscritos iluminados, especialmente entre 1250 e 1350 (WATSON, 1974, p. 14).

Para abordarmos as intencionalidades que impulsionaram esse movimento, assim como as relações que os nobres mantinham com os seus manuscritos iluminados,

³ *Earl*, no original. Nobre do mais alto escalão, até à criação do título de duque na segunda metade do século XIV (CORÈDON; WILLIAMS, 2001, p. 108).

⁴ No original, “East Anglian Illumination” (WATSON, 1974, p. 14).

uma outra constante pode ser explorada: a ascensão dos saltérios como a tipologia mais popular do contexto (BACKHOUSE, 1999, p. 9).

Os saltérios marcam a grande maioria dos manuscritos iluminados encomendados por nobres entre os séculos XIII e XIV, sendo gradualmente substituídos pelos livros de horas na segunda metade do século XIV. É interessante ressaltar que não se trata de um tipo novo de manuscrito, nem mesmo de uma tipologia inicialmente empregada para o uso particular, como seria o caso dos livros de horas. Os saltérios eram, segundo Nigel Morgan (2008), um dos livros considerados imprescindíveis para a execução do Ofício Divino, com isso, sendo obrigatórios para qualquer monastério ou congregação (MORGAN, 2008, p. 302).

A composição dos saltérios era definida, especialmente, pela inclusão completa do livro bíblico dos Salmos, que poderia também ser acompanhado por textos auxiliares, como calendários e a *Litania dos Santos*, entre outros. Segundo a liturgia romana, todos os 150 salmos eram lidos no decorrer da semana. A nobreza, ao passar a possuir saltérios, seguiu o ciclo litúrgico de forma semelhante, dividindo também a leitura dos salmos em horários: as matinas e as vésperas. Salmos específicos marcavam o início do ciclo devocional diário, por exemplo, o salmo 26 para as matinas das segundas e o salmo 38 para as terças. Essa divisão tem sua influência percebida na organização das iniciais historiadas dos saltérios iluminados, em que é dado maior destaque às imagens correspondentes aos salmos que guiam a devoção (BROWN, 2018, p. 88).

Nigel Morgan questiona como um manuscrito marcado para o uso litúrgico poderia ser fortemente apropriado para uma ressignificação privada. O principal problema que se apresenta é a necessidade de um outro livro para guiar a cerimônia religiosa em conjunto com o saltério, presente em todas as igrejas e congregações, mas não em domínios laicos: o *Breviário*⁵. Dessa forma, resta ao autor a conclusão de que, apesar da similaridade de seu conteúdo, os usos dos saltérios foram profundamente alterados pela nobreza que os detinha. Esse grupo social não lia, necessariamente, os salmos de acordo com uma ordem delimitada pela tradição, mas escolhiam-nos de acordo com suas necessidades devocionais particulares (MORGAN, 2008, p. 308-309).

A customização trata-se, com isso, de uma característica central na relação entre a nobreza e os seus saltérios. Essa profunda proximidade expressa-se na utilização e na movimentação dos manuscritos. Estando tão ligados com as intencionalidades de seus

⁵ Livro cristão que combina diversos livros necessários para a realização do Ofício Divino, dentre os quais estão os saltérios, as antífonas, a martirologia, etc (BROWN, 2018, p. 16).

patronos, as possíveis funções dos saltérios eram extremamente variadas nesse período. É muito comum que um único manuscrito iluminado acompanhasse um nobre desde a sua infância, seguindo por várias gerações de sua família, até desaparecer ou ser deslocado. Portanto, é possível tratar de uma *circularidade* que envolve toda a vida útil do manuscrito: ela não só se confunde com a vida de seu patrono, mas também a transcende (RUDY, 2016, p. 7).

O primeiro contato de um nobre com um manuscrito, iluminado ou não, se dava geralmente na infância. Isso se deu especialmente quando a nobreza inglesa, em especial os cavaleiros e barões, passou a se dedicar cada vez mais às funções administrativas de seus respectivos condados, como representantes do reino. O que implicou em uma grande valorização da alfabetização no latim como um dos requisitos necessários para exercer bem tais funções. Era, portanto, essencial que a educação de uma criança nobre levasse essa alfabetização em consideração. Os saltérios, majoritariamente escritos nessa língua, ocupam esse espaço por serem considerados objetos bastante úteis para tal objetivo ao combinar a legibilidade dos salmos, em latim, com as imagens que ocupam as suas margens (DE HAMEL, 2008, p. 14).

Para além da educação alfabética, os saltérios também ofereciam uma instrução moral para todas as idades. Seu jogo midiático entre imagens e texto é uma forma bem-sucedida de apresentar ideais e de imprimi-los na memória do leitor: tornam-se, de acordo com Brigitte Buettner, “[...] ferramentas mnemônicas para a obtenção e transmissão de conhecimento”⁶ (BUETTNER, 1992, p. 78, tradução nossa). Nem sempre aqueles que possuíam esses manuscritos sabiam o latim (para além daquele escrito em seu manuscrito), mas o conteúdo dos salmos e suas relações com a lógica interna de suas páginas faziam parte do cotidiano do leitor e, portanto, de seu imaginário, atuando diretamente na formação deste (MORGAN, 2008, p. 308-309).

Os saltérios assumem, na vida adulta de seus possuidores, funções devocionais primordiais. Maria Izabel de Souza (2017) caracteriza a Baixa Idade Média como um momento de personalização da relação entre o cristão e Deus. Esses manuscritos, assim como os livros de horas, fornecem, nesse contexto, a possibilidade de acesso à experiência da devoção ao indivíduo, antes restrita à intermediação da igreja em locais públicos (SOUZA, 2017, p. 115).

⁶ No original: “[...] mnemonic tools for the acquisition and transmission of knowledge” (BUETTNER, 1992, p. 78).

A função devocional pode ser percebida em sua organização interna. Ao contar com canções, a Litania dos Santos, o Ofício dos Mortos e calendários, além dos Salmos em si, esses manuscritos permitem a performance de um exercício devocional ao indivíduo. De acordo com Christopher de Hamel (2008), os saltérios são também, por conta de seu conteúdo, símbolos da piedade mesmo quando vistos fechados. Por conta disso, podem ser levados para missas dominicais, no caso dos exemplares menores, ou expostos em locais para serem vistos (DE HAMEL, 2008, p. 14).

Nem sempre os manuscritos iluminados são mantidos por muito tempo em posse da família de seu patrono. A nobreza mantém o seu poder através de contatos entre diferentes famílias, que podem tomar a forma de alianças ou casamentos. No seio dessas relações, a troca de presentes tem papel central, seja na afirmação de poder e status por parte daquele que presenteia, seja pelo selamento da aliança por aquele que recebe. Os saltérios tornam-se, portanto, objetos de alianças familiares, servindo como presentes de estimado valor (MICHAEL, 2008, p. 168-169).

Outra função é a de contribuir com a perpetuação da memória e da linhagem do nobre, carregando, em suas imagens, o brasão da família e comemorações de seus feitos em vida. Tornam-se, desse modo, objetos de exaltação nostálgica de um passado idealizado, que justifica a importância do homem ou da mulher que permite a sua existência. Podem ser utilizados também nas cerimônias fúnebres que sucedem à morte de seu patrono, como monumento à sua imagem e piedade (EMMERSON; GOLDBERG, 2000, p. 57).

A morte passa, mas os saltérios sobrevivem. Feitos em materiais extremamente duráveis, a não ser que não sejam preservados de modo correto ou que sofram algum ataque, os manuscritos iluminados, em geral, podem facilmente durar por séculos. Essa característica faz com que o manuscrito transcenda a lógica de consumo que viria a caracterizar os livros após o advento da imprensa (1440), com a qual nos acostumamos.

Os saltérios transitam não somente pelo espaço, mas pelo tempo: após a morte de seus comitentes, assumem funcionalidades que podem não ter nenhuma ligação a eles. Por vezes, constam como doação para igrejas e monastérios, em troca de missas a serem rezadas pela salvação da alma do nobre em questão. Em outras circunstâncias, permanecem em mãos laicas, ou como herança familiar, ou como aquisição por outras famílias nobres e, mais raramente, burguesas. Em todos os casos, os manuscritos assumem novas funções de acordo com as novas realidades. Não são, entretanto, somente os seus significados que são transformados, mas também a sua materialidade.

Escrever, apagar, completar ou dividir livros antigos é parte dessa ressignificação que reinsere um livro iluminado no sistema de trocas: trata-se, de acordo com Kathryn Rudy (2016), de uma *economia circular* (RUDY, 2016, p. 7).

Ao acompanhar o nobre em cada fase de sua vida, seria inevitável que esses manuscritos, em especial os saltérios, se tornassem importantes símbolos de sua condição social. A cada geração, os manuscritos são utilizados de acordo com as configurações do momento, sem deixar de carregar consigo as significações atribuídas pelos seus criadores. Um forte laço de identificação é estabelecido entre a nobreza inglesa da Baixa Idade Média e os seus manuscritos iluminados, de maneira que se torna impossível tratarmos de um sem nos remetermos ao outro.

A seguir, analisaremos um manuscrito iluminado que revela as características abordadas até então. Trata-se do *Saltério de Luttrell*, um dos mais representativos manuscritos da Baixa Idade Média, patrocinado pelo nobre inglês, Sir Geoffrey Luttrell (1276-1345).

O SALTÉRIO DE LUTTRELL

Inglaterra, segundo quartel do século XIV. Cavaleiro e barão, Sir Geoffrey Luttrell (1276-1345) inicia o que viria a ser o projeto de seus últimos anos de vida: o acompanhamento da elaboração de um manuscrito iluminado - o *Saltério de Luttrell* -, hoje, mantido na British Library, em Londres, como manuscrito Add. MS. 42130. No presente tópico, investigamos como se deu esse projeto, assim como as intencionalidades que envolveram a sua execução, a partir de aspectos da materialidade do manuscrito, que remetem aos seus possíveis usos e significações.

Sir Geoffrey Luttrell herdou as terras e os títulos de Robert Luttrell, seu pai, em 1296, tornando-se, desde então, senhor de Irnham, em Lincolnshire, e de Hooton Pagnell, em Yorkshire, além de outras posses menores. Ainda que suas propriedades não fossem comparáveis às dos grandes nobres do reino, os Condes, as duas eram mantidas em serviço direto ao rei, o que o tornava barão. Seu compromisso com o rei Eduardo I (1272-1307) como cavaleiro foi consideravelmente efetivo, lutou nos conflitos entre a Inglaterra e a Escócia, assim como em expedições à França, especialmente na primeira década do século XIV. Durante o reinado de Eduardo II (1307-1327), dedicou-se à administração de suas terras, passando a enfrentar diversos problemas de saúde que o impediram de exercer sua função militar (BACKHOUSE, 1989, p. 20).

Sir Geoffrey Luttrell decidiu patrocinar a produção de um manuscrito de dimensões e estilo luxuosos, o *Saltério de Luttrell*. Esse manuscrito possui 309 fólios de tamanho relativamente grande (35 x 24,5 cm). As folhas apresentam conteúdo textual com a tipologia *textualis precissa*, feita por um escriba anônimo, também muito custosa e luxuosa: constitui-se dos 150 salmos bíblicos; um calendário com datas significativas para a região e as famílias; a *Litania dos Santos*; cantigas religiosas com notações musicais; e o *Ofício dos Mortos*.

Como se nota, o *Saltério de Luttrell* foi produto do trabalho de um grupo de indivíduos especializados em cada aspecto de sua produção. Os pergaminhos utilizados em seus fólios exaltam seu caráter luxuoso. No entanto, o processo mais custoso e demorado de sua confecção foi o da iluminação, que restou inacabado.

Cerca de dois terços do manuscrito foram iluminados, sendo possível observar uma interrupção abrupta no fólio 215v. As iluminuras não foram todas executadas por um único artista, mas, conforme sugere Michael Camille (1998), por pelo menos quatro, além de seus possíveis auxiliares. Há variações nítidas de técnica, estilo e influências, o que leva o autor a elaborar a hipótese de que o manuscrito teria sido iluminado em três etapas, possivelmente, em diferentes localidades: dentre as possibilidades, estão as próprias terras de Sir Geoffrey Luttrell, em que artistas viajantes teriam trabalhado; ou as cidades próximas a elas, que, como vimos, possuíam oficinas dedicadas à iluminação de manuscritos, sendo o exemplo mais próximo o da cidade de Lincoln (CAMILLE, 1998, p. 327).

As múltiplas intencionalidades envolvidas na iluminação do *Saltério de Luttrell* implicam, também, uma heterogeneidade das temáticas e dos estilos das imagens presentes em suas páginas. Não é possível resumir em poucas palavras do que tratam as imagens: existem desde narrativas da vida de Cristo até imagens que retratam as terras de Sir Geoffrey Luttrell. Contudo, uma constante é perceptível justamente por se referir à fundamental característica de sua produção: a influência de seu patrono, Sir Luttrell, que, direta ou indiretamente, esteve presente em todas as etapas de sua elaboração.

A datação do *Saltério de Luttrell* é tema de muita discussão na historiografia especializada. Entretanto, existe um consenso de que a elaboração do manuscrito se deu no período de reclusão de Sir Geoffrey Luttrell, após o fim do conturbado reinado de Eduardo II, em 1327. A interrupção da iluminação da obra teria ocorrido em decorrência da morte de seu patrono, em 1345 (BROWN, 2006, p. 22).

Em seus últimos anos de vida, Sir Geoffrey Luttrell coordenou a elaboração do *Saltério de Luttrell*. Como características de suas preocupações, o manuscrito apresenta, em seu conteúdo imagético, um forte teor nostálgico que remete aos anos de atividade de seu comitente como cavaleiro a serviço de Eduardo I. Exemplo característico é a imagem que retrata Sir Geoffrey Luttrell sendo armado por Agnes Sutton, sua esposa, e Beatrice Le Scrope, sua nora (Figura 1).

Figura 1. Sir Geoffrey Luttrell armado pelas mulheres de sua família



Fonte: THE LUTTRELL Psalter. London: The British Library, 2006. f. 202v.

Na imagem, Sir Geoffrey Luttrell porta uma armadura completa, adornada com o brasão de sua família, montado no animal símbolo do cavaleiro medieval: o *Destrier*, também coberto pela identificação heráldica⁷ da família Luttrell. O nobre é apresentado como se estivesse pronto para a guerra, para o exercício de sua função militar. Trata-se da *presentificação*⁸ do passado, uma vez que, àquela altura, não seria mais possível devido à idade avançada e à saúde frágil de Sir Geoffrey Luttrell (CAMILLE, 1998, p. 52-53).

⁷ Brasão Luttrell: “Fundo azul e seis *martlets* prateados”. No original: “azure a bend between six martlets argent” (CAMILLE, 1998, p. 51, tradução nossa).

⁸ Utilizamos, nesse trabalho, o conceito de *presentificação*, de Jean Claude-Schmitt (2007). O autor elabora tal conceituação a partir da percepção medieval de atribuição de presença à imagem. Não cabendo, com isso, conceitos como o de “representação”: a imagem medieval não pretende tornar aparente o ausente, mas sim criar o seu próprio real no campo imagético (SCHMITT, 2007, p. 14).

A importância do passado e do belicismo para Sir Geoffrey Luttrell se destaca quando relacionamos o *Saltério de Luttrell* a outros manuscritos iluminados de seu contexto. A figuração dos comitentes não era exclusiva a esse manuscrito iluminado, mas pode ser percebida como uma tendência em circulação na Inglaterra do século XIV. O que é demonstrado por meio da comparação com outros manuscritos contemporâneos ao *Saltério de Luttrell*, como o *Livro de Horas de Zouche* (Bodleian Library MS. Lat. liturg. e. 41; c. 1350) (Figura 2).

Figura 2. Cavaleiro em oração perante miniatura da Anunciação



Fonte: *Livro de Horas de Zouche* (ms. Lat. liturg. e. 41). f.7r. Oxford: Bodleian Library, c. 1350. <https://digital.bodleian.ox.ac.uk/objects/0a08b7c1-2464-45af-a040-09cbc623f219>. Acesso em: 22 set. 2025.

Na imagem acima, William La Zouche (m. 1352), comitente do manuscrito, está ajoelhado em oração perante a figura da Anunciação. Diferentemente da imagem de Sir Geoffrey Luttrell, nessa imagem, uma ênfase é dada à dimensão devocional desses livros, mesmo sendo um cavaleiro, e na sua utilização pelo comitente, em posição de oração, de joelhos. A relevância do Livro de Horas como parte fundamental na vivência religiosa do comitente é exaltada através de tal iluminura. São diferentes formas de *presentificar* um comitente que ressaltam características distintas de acordo com suas intencionalidades em relação aos seus manuscritos. Esse contraste mostra que, no caso do *Saltério de Luttrell*,

apesar de sua tipologia, as intencionalidades de Sir Geoffrey Luttrell se alinham muito mais ao seu passado, que evoca uma cavalaria bélica e idealizada e reforça sua função social.

Para além de uma *presentificação* do passado para a legitimação da condição de Geoffrey Luttrell, a mesma imagem carrega consigo as preocupações que afligem seu patrono em relação ao futuro. Mesmo que, conforme afirma Michelle Brown (2006, p. 36-37), não tenham sido encontradas imagens semelhantes nos retratos de comitentes em outros manuscritos iluminados, podemos traçar paralelos com imagens além dessa mídia, especialmente figuras esculpidas em túmulos de outros cavaleiros.

Richard Marks (1994), ao comparar a imagem de Sir Geoffrey Luttrell com as de outros três cavaleiros ingleses do mesmo período, encontrou a idealização de símbolos cavaleirescos, como a preparação para a batalha, a presença do *Destrier* e o protagonismo que mulheres da família exerciam na função de fornecer as armas ao cavaleiro. É, portanto, uma iconografia que comemora a cavalaria e sua função bélica, a constituição da família através de alianças seladas pelo matrimônio, além da herança, transmitida pela forma da heráldica. Mas, acima de tudo, e exatamente por apresentar as funções já citadas, trata-se de uma imagem fúnebre, a ser exposta quando o corpo de seu patrono for velado, remetendo à sua resplandecência em vida, sem negar a salvação de sua alma ao se fazer presente em meio aos salmos (MARKS, 1994, p. 351).

Outros indícios remetem à inclusão do *Saltério de Luttrell* nos planejamentos de Sir Geoffrey Luttrell para as cerimônias que seguiriam à sua morte. Dentre eles, está a própria materialidade do manuscrito. Aqui, em específico, é de suma importância lembrar que o tamanho e a diagramação da escrita do *Saltério de Luttrell* são bastante incomuns no período, sendo muito maior do que a média dos manuscritos. Geralmente, o padrão seguido envolvia muitas linhas por páginas, recorrendo constantemente a abreviações, enquanto, no *Saltério de Luttrell*, a média consiste em 14 linhas e poucas abreviações do texto. A *textualis precisa*, formato escolhido para as letras, indica, também, uma preocupação com a facilitação da legibilidade, sendo esta uma tipografia extremamente custosa para ser utilizada no manuscrito como um todo; geralmente era empregada para enfatizar pequenas seções (BROWN, 2006, p. 89).

A intenção era facilitar a leitura à distância, em caso de cerimônias fúnebres. Seria conveniente também para o uso na alfabetização, além de festividades realizadas na capela de Sir Geoffrey Luttrell, sob os cuidados de dois frades dominicanos (CAMILLE, 1998, p. 160-162).

Outro indício da utilização do *Saltério de Luttrell* no funeral de Sir Geoffrey aparece em seu testamento. Nele, a referência a seu cavalo e seus adornos cria uma forte ligação com a cena em que o nobre aparece sendo armado cavaleiro. De acordo com Richard Emmerson e Paul Goldberg:

No testamento de Sir Geoffrey consta o seu desejo de ser sepultado diante do altar da Igreja de Santo André, localizada em suas terras em Irnham, Lincolnshire. Além disso, ele deixou quarenta *shillings* para os clérigos que entoassem os Salmos em seu funeral, especificando também, como era convencional, que seu melhor cavalo com os mais valiosos adornos deveria acompanhá-lo em seu mortuário⁹ (EMMERSON; GOLDBERG, 2000, p. 50, tradução nossa).

Simbolicamente, o *Saltério de Luttrell* presentifica o comitente e sua família, mesmo que para além de sua morte. Sua imagem como cavaleiro, fúnebre e comemorativa, demonstra apenas um dos aspectos que identificam Sir Geoffrey Luttrell ao manuscrito iluminado. Os signos de Geoffrey - e de seu grupo social - rondam as mais diferentes seções do saltério. A heráldica, uma das maneiras mais correntes de identificar as imagens e o texto ao patrono, está, para além da imagem já analisada, presente nos fólios 163r.; 171r.; 203r. A imagem de Sir Geoffrey é novamente apresentada no manuscrito, de outra maneira: em um banquete de família (f. 208r.).

As duas imagens de Sir Geoffrey presentes no *Saltério de Luttrell* escapam do padrão da iconografia corrente no período, em que nobres eram geralmente apresentados em posição de prece em seus manuscritos como já demonstramos e como é também defendido por Holy Flora (FLORA, 2012, p. 207-218). Esse desvio revela uma ênfase na figura de Geoffrey para além de sua posição como cristão, temente a Deus; caminha, dessa forma, para uma maior identificação entre patrono e manuscrito.

Para além dessas referências claras à figura de Sir Geoffrey Luttrell e sua heráldica, sua ligação com o manuscrito faz-se presente também de formas indiretas. Seus medos e preocupações, como já abordamos, intrinsecamente ligados aos seus últimos anos de vida, têm sua influência perceptível em imagens no decorrer do *Saltério de Luttrell*. Em geral, um tom de preocupação em relação ao tema da salvação da alma percorre as diversas temáticas do manuscrito, relembrando questões que levantamos a respeito do testamento de Sir Geoffrey.

⁹ No original: “Sir Geoffrey’s will requested burial before the high altar of his parish church of St Andrew at Irnham in Lincolnshire. He left the sum of forty shillings to the clerks saying psalms at his burial, just as, conventionally enough, he left his best horse and its trappings for his mortuary” (EMMERSON; GOLDBERG, 2000, p. 50).

O sofrimento da alma é, talvez, o exemplo mais explícito dessa tendência de iluminação. No fólio 157v., em meio a diversas imagens de brincadeiras e do lazer de camponeses, aparece a da boca do inferno (Figura 3). Trata-se de uma iconografia recorrente nos manuscritos iluminados medievais, geralmente apresentada de forma monstruosa, semelhante a um demônio. Uma alma caminha para o seu interior. É representada nua, conforme se convencionou retratar as almas na arte do período. Logo abaixo dela, vê-se um caixão com um corpo coberto. O posicionamento da imagem carrega consigo a lembrança da punição pelas transgressões da carne, representadas pelas cenas que a acompanham (CAMILLE, 1998, p. 176). Ao seu lado aparece um trecho do versículo 4 do salmo 87: “Minha alma está cheia de males, / e minha vida se aproxima do inferno” (Sl. 88(87), 4, tradução nossa)¹⁰.

Figura 3. Boca do Inferno e alma condenada



Fonte: THE LUTTRELL Psalter. London: The British Library, 2006. f. 157v.

Mais uma vez, estamos diante de um tema em circulação na cultura visual da Inglaterra do século XIV. O medo do Julgamento Final, materializado na animalesca

¹⁰ “Quia repleta est malis anima mea, / et vita mea in inferno adpropinquavit” (Sl. 88(87), 4).

boca do inferno, usa de uma ideia também vista em outros manuscritos iluminados do contexto. É o caso do manuscrito ms. 020 (c.1320), parte do acervo do Corpus Christi College. Se trata de um apocalipse, tipologia que narra os eventos do livro bíblico com imagens. Nessa cena, presente no *fólio* 13r, os terrores que esperam as almas condenadas estão ligados aos demônios. As cores e o formato das bocas dos dois livros são muito semelhantes. Aqui, não temos almas entrando no inferno, mas demônios escapando dele para aterrorizar o mundo no fim dos tempos. Ela ressalta os temores que Sir Geoffrey Luttrell e seus contemporâneos teriam com relação à redenção de sua alma em seus últimos anos de vida, parte dos motivos que provavelmente levaram ao seu interesse pela confecção de um manuscrito iluminado voltado à devoção privada e ao seu funeral (Figura 4).

Figura 4. Demônios saindo da Boca do Inferno



Fonte: CCCC ms. 020. f. 13r. Cambridge: Corpus Christi College, c. 1325. Disponível em: <https://iiif.biblissima.fr/collections/manifest/68dd6a2e6e32818f16d460cd0e6bb030ace1fefc>. Acesso em: 22 set. 2025.

A importância da imagem acima está também na relação entre o inferno, a danação das almas e o fim dos tempos, narrado pelo livro em que ela se encontra: o apocalipse. No *Saltério de Luttrell*, esse evento é, da mesma forma, ligado ao perigo da danação eterna da alma no *fólio* 101v., numa cena que sucede à narrativa da vida de

Cristo. Nela, muitas almas, novamente nuas, dotadas de expressões de dor e sofrimento, são levadas pelos anjos para o juízo final (Figura 5).

Figura 5. Juízo Final



Fonte: THE LUTTRELL Psalter. London: The British Library, 2006. f.101v.

As imagens apresentadas são apenas exemplos de diversas lembranças dos signos que permeiam o imaginário de Sir Geoffrey Luttrell. São *presentificações* de seus medos e suas preocupações; tão reais, para ele, como a cena que o apresenta montado, armado e pronto para a batalha. Portanto, o *Saltério de Luttrell* também significa a devoção e o arrependimento de Sir Geoffrey Luttrell por seus pecados, demonstra sua consciência do pós-morte e, ao mesmo tempo, o desejo de garantir a sua vontade para além da vida.

A morte de Sir Geoffrey Luttrell não implica a “morte” do *Saltério de Luttrell*. Como abordado no item anterior, os manuscritos iluminados, para além de se fazerem presentes na vida dos seus patronos, transcendem-na, pois são reintroduzidos na *economia circular*, proposta por Kathryn Rudy (RUDY, 2016, p. 7).

Após a morte de Sir Geoffrey Luttrell em 1345, não se tem notícias do paradeiro do saltério. Sir Andrew Luttrell, filho de Geoffrey, não compartilhou o gosto de seu pai por manuscritos iluminados. São poucas as relações encontradas pelos historiadores entre sua figura e o *Saltério de Luttrell*, a mais enfática é um fólio, contrastante com o restante do manuscrito em termos estilísticos, em que um casal é

apresentado: possivelmente se trata, conforme alega Michelle Brown, do segundo casamento de Andrew, com Hawisa Despenser (1345-1414) (BROWN, 2006, p. 86).

Durante a vida de Andrew Luttrell, a família perdeu a posse do *Saltério de Luttrell*. Passou para as mãos de outros nobres, os poderosos Lancaster, que também deixaram seus registros no manuscrito. Mesmo que não se saiba exatamente a partir de qual momento passaram a utilizá-lo, é possível afirmar que ele era manuseado, lido por membros da família, que deixaram algumas anotações (BACKHOUSE, 1989, p. 60).

Quando o *Saltério de Luttrell* passa para a outra família, seus usos são reconfigurados de acordo com os interesses e as intencionalidades dos novos proprietários. No caso dos Lancaster, temos a afirmação da utilização do calendário do saltério a partir da adição de datas importantes para a família. Para além disso, há uma inscrição (“*Lancastres*”) acima da imagem da execução de um nobre, atribuída a Thomas Lancaster, conde que se rebelou contra Eduardo II e foi executado em 1322, do qual, possivelmente, Geoffrey Luttrell foi partidário. A inscrição é datada do final do século XIV, o que a conecta diretamente com o momento em que os Lancaster mantinham a posse do manuscrito (COLEMAN, 1999, p. 112).

A imagem tem importante significação nesse mesmo contexto, em que a figura de Thomas Lancaster é cultuada tanto religiosamente, como santo popular, quanto politicamente, em especial pela nobreza que se rebelava contra Ricardo II (1377-1399), antecedendo a tomada do poder por Henrique IV (1399-1413), da própria casa Lancaster (GIVEN-WILSON, 1994, p. 553).

Ou seja, através de alterações e acréscimos à materialidade do manuscrito, seus detentores ressignificavam seus usos de acordo com suas próprias intencionalidades. Um manuscrito iluminado que foi projetado e confeccionado de acordo com os anseios de um comitente, Sir Geoffrey Luttrell, foi, dessa maneira, readequado àqueles que o adquiriram após a sua morte.

O *Saltério de Luttrell* continuou circulando pela nobreza inglesa mesmo após o medievo. Ele permaneceu sob o domínio da família Lancaster entre o fim do século XIV e início do XV. Depois, o manuscrito passou para outras mãos. Há registro do final do século XVII, de que ele teria pertencido a Nicholas Sherburne (1658-1717), conforme indicam suas iniciais impressas na capa do manuscrito (N.S.). O brasão estampado nos primeiros fólios mostra que, em data incerta, a obra passou para as mãos de outra família aristocrática, os Welds, que o detiveram até 1929.

Nesse ano, o *Saltério de Luttrell* foi adquirido pelo British Museum por um valor jamais pago por um manuscrito dessa natureza: 30.150 libras. O montante teve que ser levantado por intermédio de uma campanha de financiamento público que envolveu vários setores da sociedade inglesa, o que atesta sua relevância como símbolo de uma era dourada da Inglaterra rural; um resgate romântico da nacionalidade inglesa (CAMILLE, 1998, p. 23).

CONCLUSÃO

O *Saltério de Luttrell* é um dos manuscritos mais significativos da Inglaterra do século XIV. Elaborado sob patrocínio do nobre inglês Sir Geoffrey Luttrell, ele contou com um nível de personalização consideravelmente incomum para o período. Seus usos se adequaram às intencionalidades do patrono, isto é, fazer-se *presentificar* a si e à sua família.

No tamanho e na complexidade da tipografia que constitui a versão dos Salmos, fica implícita a importância da legibilidade para Sir Geoffrey: seja para fins didáticos ou devocionais. Por outro lado, através das imagens que retratam o nobre no manuscrito, percebe-se outro aspecto: o de servir como monumento funerário, uma lembrança de Sir Geoffrey Luttrell e de seus feitos.

O planejamento da iconografia do *Saltério de Luttrell* demonstra que a morte foi um dos principais motivos que levou Sir Geoffrey Luttrell a patrocinar a sua elaboração. Conforme expusemos, Sir Geoffrey Luttrell rompeu com a tendência que representava os comitentes de manuscritos devocionais na posição de oração, pois preferiu a imagem de um cavaleiro, que resgatasse a sua juventude e vida militar, envolto pela heráldica de sua família.

Como parte de uma cultura nobiliárquica que se beneficia da circulação de objetos luxuosos, o *Saltério de Luttrell* recebeu novas significações e usos após a morte de Sir Geoffrey Luttrell. Esse é outro aspecto da circulação de manuscritos iluminados que buscamos evidenciar nesse artigo. Além da difusão de temas e motivos recorrentes, alimentada por práticas como a doação de livros como presentes em situações especiais, ou a sua transmissão como herança, esses objetos recebem novas marcas, imagens ou conteúdos, para se adequar aos anseios de seus novos donos. O *Saltério de Luttrell* teve, através de legendas, a adaptação de suas imagens para objetivos políticos de uma outra

nobreza; ou a sua marcação como objeto de luxo de um passado longínquo, em posse de aristocratas do século XVII.

Assim, é possível concluir que, através do estudo do *Saltério de Luttrell*, podemos evidenciar a forma como os manuscritos iluminados voltados à devoção pessoal da nobreza inglesa, em especial no século XIV, circulavam e compartilhavam suas temáticas, seu conteúdo e seus usos. Demonstramos, com isso, que esses objetos apresentam uma complexidade oriunda de diversas intencionalidades. Seja dos indivíduos que se envolvem em sua confecção, mas também daqueles de contextos diferentes que, posteriormente continuaram a se interessar pela riqueza de suas imagens.

REFERÊNCIAS

- BACKHOUSE, Janet. **The Luttrell Psalter**. New York: New Amsterdam, 1989.
- BACKHOUSE, Janet. **The Illuminated Manuscript**. London: Phaidon Press, 1999.
- BASCHET, Jérôme. **L'iconographie médiévale**. Paris: Gallimard, 2008.
- BENTON, Janetta Rebold. **Materials, methods, and masterpieces of medieval art**. Santa Barbara: ABC-CLIO, 2009.
- BROWN, Michelle. **The world of the Luttrell Psalter**. London: The British Library, 2006.
- BROWN, Michelle. **Understanding Illuminated Manuscripts: A Guide to Technical Terms**. Los Angeles: The J. Paul Getty Museum, 2018.
- BUETTNER, Brigitte. Profane Illuminations, Secular Illusions: Manuscripts in Late Medieval Courtly Society. **The Art Bulletin**, v. 74, n. 01. p. 75-90. College Art Association, 1992. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3045851>. Acesso: 21 fev. 2025.
- CAMILLE, Michael. **Mirror in parchment: the Luttrell psalter and the making of medieval England**. Chicago: The University of Chicago Press, 1998.
- CORÈDON, Christopher; WILLIAMS, Ann. **A Dictionary of Medieval Terms & Phrases**. Cambridge: D. S. Brewer, 2001.
- COLEMAN, Joyce. New evidence about Sir Geoffrey Luttrell's raid on Sempringham Priory, 1312. **Electronic British Library Journal**, v. 25, n.02. p. 103-128. The British Library, 1999. Disponível em: <https://bl.iro.bl.uk/concern/articles/0ebb80f0-8e23-498b-a9eb-50c9af9c274c>. Acesso em: 17 set. 2025.
- DE HAMEL, Christopher. Books and Society. p. 3-21. *In*: MORGAN, Nigel; THOMSOM, Rodney (orgs.). **The Cambridge History of the Book in Britain**. vol. II - 1100-1400. Cambridge: University of Cambridge Press, 2008.
- EMMERSON, Richard; GOLDBERG, Paul. The Lord Geoffrey had me made': Lordship and Labour in the Luttrell Psalter. p. 43-63. *In*: BOTHWELL, James; GOLDBERG, Paul;

ORMROD, Mark (orgs.). **The Problem of Labour in Fourteenth-Century England**. York: York Medieval Press, 2000.

FLORA, Holly. Patronage. In: **Studies in Iconography**, v. 33. p. 207-218. Medieval Institute Publications and Trustees of Princeton University, 2012. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/23924284>. Acesso em: 17 set. 2025.

GIVEN-WILSON, Chris. Richard II, Edward II, and the Lancastrian Inheritance. **The English Historical Review**, v. 109, n. 432. p. 553-571. Oxford University Press, 1994. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/572908>. Acesso em: 17 set. 2025.

MARKS, Richard. Sir Geoffrey Luttrell and Some Companions: Images of Chivalry. c. 1320-50. **Wiener Jahrbuch für Kunstgeschichte**. v. 46-47, p. 343-356. 1994. Disponível em: <https://doi.org/10.7767/wjk.1994.4647.1.343>. Acesso em: 17 set. 2025.

LE GOFF, Jacques. **O Apogeu da Cidade Medieval**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MICHAEL, Michael. Urban production of manuscript books and the role of the university towns. p. 168-194. In: MORGAN, Nigel; THOMSOM, Rodney (orgs.). **The Cambridge History of the book in Britain**. vol. II 1100-1400. Cambridge: University of Cambridge Press, 2008

MORGAN, Nigel. Books for the liturgy and private prayer. p. 291-316. In: MORGAN, Nigel; THOMSOM, Rodney (orgs.). **The Cambridge History of the Book in Britain**. vol. II - 1100-1400. Cambridge: University of Cambridge Press, 2008.

NOONAN, Sarah. **Bodies of Parchment: Representing the Passion and Reading Manuscripts in Late Medieval England**. Washington University: Saint Louis, 2010.

RUDY, Kathryn. **Piety in Pieces: How Medieval Readers Customized their Manuscripts**. (S.L.): Open Book Publishers, 2016.

SCHIMITT, Jean-Claude. **O corpo das imagens: ensaios sobre a cultura visual na Idade Média**. Bauru: EDUSC, 2007.

SOUZA, Maria Izabel Escano Duarte de. As Mulheres e os Livros de Horas. p. 112-132. In: PEREIRA, Maria Christina (org.). **Encontros com as Imagens Medievais**. Macapá: UNIFAP, 2017.

THE LUTTRELL Psalter. London: The British Library, 2006.

WATSON, Bruce. The East Anglican Problem: Fresh Perspectives from an Unpublished Psalter. **Gesta**, v. 13, n. 02. p. 3-16. Chicago: The University of Chicago Press, 1974. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/766701>. Acesso em: 17 set. 2025.

Recebido em: 21/05/2024
Parecer dado em: 19/08/2024